

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



# BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 12 | Nº 36 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.7482231>



## 100 ANOS DA REVOLUÇÃO IRLANDESA: CRISE IMPERIALISTA E LIÇÕES DA RÚSSIA PARA O MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO EUROPEU

Mario Miranda Antônio Júnior<sup>1</sup>

### Resumo

O texto que segue busca lembrar o centenário da guerra civil irlandesa à luz dos principais movimentos revolucionários ocorridos na Europa entre a Grande Guerra e os anos 1920. Destacaremos a luta pela independência na Irlanda, iniciada com os movimentos nacionalistas em torno do Sinn Féin e o Levante da Páscoa de 1916, evento considerado por Lênin como exemplo de luta pela autodeterminação dos povos e um golpe fundamental contra o Imperialismo na Europa. Por fim, cumpre destacar o caráter socialista e proletário das suas principais lideranças na vanguarda do movimento insurrecional de 1916 que desencadeou a luta pela independência e a guerra civil em torno da República.

**Palavras chave:** Grande Guerra, Imperialismo, Revolução, Socialismo.

### Abstract

The following text seeks to remember the centennial of the Irish Civil War in light of the major revolutionary movements that took place in Europe between the Great War and the 1920s. We will highlight the struggle for independence in Ireland, which began with the nationalist movements around Sinn Féin and the 1916 Easter Uprising, an event considered by Lenin as an example of the struggle for self-determination of peoples and a fundamental blow against Imperialism in Europe. Finally, we must highlight the socialist and proletarian character of its main leaders in the vanguard of the 1916 insurrectionary movement that triggered the fight for independence and the civil war around the Republic.

**Keywords:** Great War, Imperialism, Revolution, Socialism.

Em junho completou-se 100 anos do início da guerra civil irlandesa e em agosto, da morte de Michael Collins, célebre revolucionário nacionalista irlandês, assassinado em uma emboscada durante o conflito (1922-1923) que se seguiu após o fim da guerra pela independência (1919-1921). A guerra civil irlandesa fraturou a nação em torno, de um lado, do projeto nacionalista subordinado e incorporado ao Reino Unido e, de outro, o que estabelecia a República e a independência absoluta da Inglaterra. Assim, após a assinatura do Tratado Anglo-Irlandês em dezembro de 1921, surgem o Estado Livre da Irlanda e a Irlanda do Norte. Todavia, o movimento revolucionário irlandês que culminou com as guerras pela independência e a civil têm origem no Levante da Páscoa de 1916, com a “Proclamação de 1916” e os mártires do movimento insurrecional pela independência, executados pela Inglaterra após os seis dias de combate em Dublin.

O *Sinn Féin*, partido nacionalista irlandês fundado em 1905 por Arthur Griffith, fortalecido após vitória contundente nas eleições parlamentares de 1918, apoia o tratado, colocando fim à guerra pela independência, precipitando, porém, a guerra civil contra a ala republicana contrária ao tratado. O

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Políticas e Sociais. Mestre em Serviço Social. Doutorando em Economia Política Mundial pela Universidade Federal do ABC (UFABC). E-mail para contato: [mmajr1975@gmail.com](mailto:mmajr1975@gmail.com)



Exército Republicano Irlandês (IRA), fundado em 1919 se opõe ao tratado e no início de 1922 precipitam-se as hostilidades entre o governo do Estado Livre Irlandês e o grupo armado. Após a criação da República da Irlanda em 1949, o IRA passará a lutar para anexar a Irlanda do Norte e unificar a ilha – as hostilidades se encerram com o Acordo de Belfast em 1998.

A relevância da luta do povo irlandês contra a ocupação e o imperialismo, a despeito dos apenas seis dias de combates do Levante da Páscoa em 1916, se inscreve no amplo espectro das lutas da classe operária na Europa desde a Primavera dos Povos, passando pela Comuna de 1871, até a Revolução Bolchevique e a resistência proletária a Grande Guerra imperialista. No contexto de acirramento da luta de classes e avanço do nacionalismo, destacam-se algumas figuras emblemáticas na vanguarda da luta anticolonialista e anti-imperialista. Com efeito, trata-se de movimentos cujo protagonismo da classe trabalhadora é indiscutível, caracterizados pelo seu caráter classista, nacionalista e anti-imperialista. Tais características se evidenciam em algumas das suas principais lideranças, protagonistas do movimento revolucionário desde o Levante de 1916, tais como James Connolly, Patrick Pearse, Michael Collins, James Larkin.

James Connolly começou a militância política nas fileiras do proletariado na Escócia, em fins do século XIX. Por essa época, ajuda a organizar o Partido Socialista Irlandês e na Inglaterra o Partido Trabalhista Socialista. No início do século XX vai para os Estados Unidos, incorporando-se ao Partido Trabalhista Socialista (SLP-US), participando na fundação da Federação Socialista Irlandesa de Nova Iorque em 1907. Na década seguinte, ao lado de James Larkin organiza o Exército Civil Irlandês - embrião do *IRA* -, coletivo de centenas de trabalhadores (estivadores, rodoviários, pedreiros, gráficos, carteiros) treinados para defenderem os seus interesses de classe, constituindo a milícia de autodefesa proletária nas bases de um projeto revolucionário de uma Irlanda independente e socialista. A visão revolucionária e proletária de Connolly vai além das fronteiras da ilha, influenciando diversos movimentos pelas mais variadas colônias inglesas. O seu ideal de libertação nacional era indissociável do caráter classista:

A causa operária é a causa da Irlanda, e a causa da Irlanda é a causa operária(...). Não podem ser separadas! A Irlanda procura a liberdade! Os operários procuram uma Irlanda livre, única dona do próprio destino, proprietária suprema de todas as coisas materiais sobre e abaixo do seu chão! (CONNOLLY, 1916).

Tratava-se de forma articulada e decisiva, construir a emancipação nacional ao mesmo tempo em que se erguia a emancipação proletária. Não sem razão, Lênin (1916) enxergava o levante com entusiasmo, saudando a autodeterminação dos povos, considerando os “opositores da autodeterminação



como reacionários ou doutrinários", incapazes de compreender uma "revolução social". Para ele o movimento revolucionário irlandês era a primeira grande derrota do Imperialismo após o início da Grande Guerra. Escrevendo em outubro de 1916, constata que a "crise do Imperialismo atingiu seu auge", embora o "poder da burguesia imperialista ainda estava para ser minado", posto que "os movimentos operários nos países imperialistas ainda estavam muito débeis". De fato, tal debilidade constatava-se, sobretudo, nos países de capitalismo tardio e periférico, conforme seu lugar subalterno na divisão internacional do trabalho no âmbito do capital imperialista.

Às acusações de que se tratava de um "movimento pequeno-burguês", exclusivamente urbano e sem base social, isto é, um "*Putsch de Dublin*", Lênin enfatiza o caráter nacionalista secular irlandês, cuja história é atravessada por revoltas e rebeliões de caráter separatista e nacionalista, desde os primórdios da ocupação britânica no século XII. Assim, enfatiza:

O movimento nacional irlandês que vem desde séculos, tendo passado por várias etapas e combinações de interesses de classe, se manifestou, em particular, em um massivo Congresso Nacional Irlandês na América que clamou pela independência irlandesa; também se manifestou em lutas de rua conduzidas por um setor da pequena burguesia urbana e um setor dos operários após grande período de agitação de massas, manifestações, repressão a jornais, etc. Quem quer que chame tal rebelião de 'putsch' ou é um reacionário obstinado, ou um doutrinário sem esperanças incapaz de enxergar uma revolução social como um fenômeno vivo (LÊNIN, 1916).

Lênin (1916) destaca que aquele que "espera uma revolução social "pura" nunca vai viver para vê-la". Para ele, quem assim se posiciona fala sobre "revolução" sem sequer entender o que seja uma. Conforme o caráter dinâmico dos processos revolucionários, aponta que o movimento russo de 1905 foi "uma revolução democrático-burguesa", estabelecida em "uma série de lutas, onde todas as classes descontentes, grupos e elementos da população participaram". Apesar dos elementos espontaneístas e oportunistas, "especuladores e aventureiros", bandidos e mercenários, indivíduos torpes e grosseiros com "os objetivos mais vagos e fantasiosos da luta", salienta que o fato é que "o movimento de massas" cumpria desestabilizar o "czarismo" e pavimentar "o caminho para a democracia; por esse motivo os operários com consciência de classe o lideraram".

No movimento revolucionário irlandês, na perspectiva do internacionalismo proletário, tanto Connolly quanto Larkin foram radicalmente contrários a participação da classe trabalhadora na Grande Guerra. Desde a última década do século XIX, Larkin se consolida a frente das lutas proletárias e organizações socialistas na Inglaterra, Escócia e Irlanda - União Nacional de Trabalhadores das Docas. Preso, considerando as organizações trabalhistas irlandesas reformistas, funda em 1911 o *The Irish Worker*, de modo a colaborar com uma alternativa proletária à imprensa burguesa para elevar a consciência classista do proletariado acirrando a luta de classes. Ao lado de Connolly funda em 1912 o



Partido Trabalhista Irlandês e, após uma longa greve em 1913 parte para os EUA. Na América adere ao Partido Socialista da América, organizando a central *Workers of the World*. Partidário do bolchevismo, foi expulso do Partido Socialista da América em 1919 junto com numerosos simpatizantes. Seus discursos em apoio à URSS e a membros do recém fundado CPUSA, as contundentes publicações radicais tornaram-no um potencial alvo "do Pânico Vermelho", sendo preso por isso em 1920, condenado a cinco anos na prisão de *Sing Sing*. Em 1923, ao voltar a Irlanda contribuiu imensamente com os Republicanos na Guerra Civil e na organização do proletariado irlandês, criando a Liga de Trabalhadores Irlandeses, reconhecida pela Internacional Comunista em 1924.

Michael Collins foi um agitador e destacado organizador da causa pela independência irlandesa. A despeito do consenso em torno do insucesso do Levante da Páscoa de 1916 e das celebrações pelo impulso dado a causa, foi um crítico feroz do amadorismo e falta de estratégia para a luta revolucionária. Quando sai da prisão, após 1916, assume a liderança do braço armado do movimento revolucionário e organiza a luta de guerrilhas na Irlanda, levando a capitulação dos ingleses e a criação do Governo Provisório Irlandês - um Tratado que oferecia à Irlanda a "liberdade para conquistar a liberdade." Esse processo dividiu de forma contundente o movimento revolucionário irlandês, acirrando a guerra civil no país - Collins morreria baleado em uma emboscada em agosto de 1922.

Pearse foi a "eminência parda" no movimento - poeta, professor, escritor, advogado -, sendo o primeiro "Presidente do Governo Provisório" após a revolta de 1916, bem como o mártir mais pranteado pelo povo no movimento revolucionário, ao lado de Connolly. A Proclamação da República da Irlanda, ou Proclamação de 1916, foi lida do alto do edifício central dos correios por Pearse. Assinada pelos líderes do movimento, condenados à morte e executados após a revolta, proclamava a "República Irlandesa como um Estado soberano e independente", afirmando o "direito do povo irlandês à propriedade da Irlanda e ao pleno controle dos destinos irlandeses como soberanos e invioláveis", garantindo o direito universal ao voto, a igualdade de gênero e de oportunidades para todos concidadãos.

Passado um século após a independência irlandesa, é incontestável o protagonismo da vanguarda proletária socialista, decisiva na luta anti-imperialista e anticolonialista a despeito das aspirações nacionalistas, muitas vezes radicais, porém, nem sempre coesas, democráticas ou revolucionárias. No contexto da Grande Guerra, se foram relevantes a interferência e conspirações das nações envolvidas incentivando movimentos insurrecionais ou revolucionários - a Alemanha contra a Inglaterra nas suas colônias, sobretudo, as mais problemáticas como a Irlanda -, indispensável foi a vanguarda socialista e proletária na organização e condução das massas para a revolta.



Durante a Grande Guerra, com o objetivo de minar a força bélica britânica, os alemães apoiaram tanto o movimento revolucionário irlandês quanto o russo. Na Alemanha, o diplomata Roger Casement e o poeta e jornalista Joseph Plunkett entre 1915 e início de 1916 buscaram organizar uma tropa de voluntários, a Brigada Irlandesa, dentre prisioneiros de guerra em Berlim, e adquirir armas para a luta contra os ingleses em Dublin. Enquanto Casement mobilizava o recrutamento, Plunkett negociava o envio de armamentos – ambos não conseguiram nem a metade do que pretendiam. Casement foi capturado assim que desembarcou em solo irlandês, condenado por alta traição, foi executado por enforcamento em agosto de 1916. Plunkett foi preso após o “*Easter Rising*”, igualmente condenado à morte, foi fuzilado em maio de 1916 junto com outros líderes sobreviventes do levante.

O apoio alemão foi decisivo para o retorno de Lênin à Rússia em 1917 e, a mobilização bolchevique que culminou com a Revolução de Outubro. Com a retirada das tropas russas do conflito, a Alemanha passou a combater apenas no front ocidental, mobilizando a Ofensiva da Primavera de 1918, resistindo até o armistício de novembro. Da mesma forma procederam os ingleses na Revolta Árabe de 1916, incentivando a luta por independência dos povos submetidos ao Império Otomano, desde o Egito até o Iraque, passando pela Palestina, a Arábia Saudita e o Iêmen.

É no esteio do movimento revolucionário irlandês e da ruína dos impérios Russo, Germânico, Austro-húngaro e Otomano que se sucedem as revoluções russa (1917) e alemã (1918). A Grande Guerra imperialista, ao mesmo tempo que arruinou alguns impérios, redefinindo a geopolítica global e a divisão mundial do trabalho, consolidou a ascensão do proletariado em nível global no esteio da crise da II Internacional. Nesse contexto, à expansão da socialdemocracia e o pânico ocasionado pelo triunfo do estado operário bolchevique na Rússia, o fascismo surge como reação contrarrevolucionária diante da instabilidade sociopolítica e a crise econômica decorrente da Grande Guerra na Europa. Embora consolide-se efetivamente nos países de capitalismo tardio, Estado e burguesia débeis, como Itália, Portugal, Alemanha e Espanha, conforme Lukács (2020), o irracionalismo ascende ao fascismo, forma superior de ideologia da restauração, eficaz instrumento de oposição ao socialismo e ao bolchevismo, prosperando até mesmo em democracias liberais como na França, Inglaterra e Estados Unidos.

No esteio da ascensão do fascismo italiano em 1922, movimento que se inicia em 1919 com o manifesto fascista, após a derrota do movimento revolucionário alemão de 1918-1919, o modelo alemão avança com a criação do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães em 1920, notabilizando-se pela tentativa de golpe de Estado em 1923, com o “Putsch de Munique” na Baviera.

De fato, a análise da Revolução Russa é emblemática da importância da fundação e da organização do POSDR, dirigido por Lênin e os bolcheviques, para a conquista do poder político por meio da aliança operário-camponesa, bem como a defesa desse poder diante da contrarrevolução



capitalista e monarquista e todos os inimigos do socialismo. A lição decorrente derrota da Revolução de 1905 foi crucial para que o partido revolucionário fosse capaz de preparar-se tanto orgânica quanto politicamente para o triunfo de 1917. Desde a ascensão bolchevique após o II Congresso de 1903, se seguiram anos de intensa luta interna no partido, no enfrentamento às tendências espontaneístas e economicistas, aprofundando a teoria marxista na análise da situação europeia e da Rússia. O protagonismo de Lênin, permitiu o desenvolvimento de uma organização revolucionária capacitada a conduzir o proletariado russo à tomada do poder político, à ditadura do proletariado e a construção do socialismo. Do ponto de vista objetivo, o partido bolchevique demonstrou na luta que se tornara a vanguarda proletária e incontestável da Rússia.

Todavia é inegável, conforme Lênin destaca, as lições dadas pelo ímpeto e determinação do movimento revolucionário irlandês, sobretudo, pela coragem, ousadia e abnegação no Levante de 1916. As consequências do movimento forjaram lideranças morais incontestáveis à causa revolucionária. O sangue dos mártires executados pelo opressor britânico consagrou e legitimou a resistência e a luta. Impulsionou, mobilizou e ungiu a nação na luta até a vitória contra o invasor-opressor. Da mesma forma que o sangue de janeiro de 1905 em São Petersburgo também impulsionou e mobilizou os trabalhadores russos e, a seguir, os militares e camponeses até a Revolução de 1917 e o surgimento do estado operário socialista soviético.

Conforme Marx destaca, ainda em 1869, “a Inglaterra jamais governou a Irlanda senão empregando o terror mais ignóbil e a corrupção mais detestável a questão”. Assim, a questão “operária inglesa” depende da adesão à causa da questão nacional irlandesa, pois, a tutela da classe dirigente inglesa sobre as massas decorre da necessidade de “enfrentar a Irlanda”. A “contenda com os irlandeses” paralisa o “movimento popular”, divide os trabalhadores, posto que os irlandeses constituem “uma fração muito importante da classe operária” dentro da própria Inglaterra. Deste modo, Marx considera que é imperativo à adesão do proletariado inglês em favor dos “irlandeses oprimidos contra os seus opressores”. Trata-se de uma imposição de classe perante ao inimigo comum, isto é, a política das classes dominantes.

Por essa razão Connolly e Pearse enfatizavam que a revolta não era apenas contra os ingleses, mas, sobretudo, contra os “revolucionários burgueses da Irlanda” e, principalmente, “contra a Grande Guerra” imperialista, posto que se tratava de uma “revolução nacional como parte de uma luta internacional”. Finalmente, Marx destaca que a Inglaterra é a “metrópole do capital, potência até agora dominante no mercado mundial”, portanto, “o país mais importante para a revolução operária”. Por isso conclui que a Internacional operária deve priorizar o “conflito entre a Inglaterra e a Irlanda” se



posicionando ao lado dos irlandeses, não por uma questão “abstrata” humanitária, mas, objetiva, condição essencial para a emancipação da classe trabalhadora tanto irlandesa quanto inglesa.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, N. “Diário Internacionalista: Roger Casement e uma viagem ao coração das trevas”. **Revista Opera** [2020]. Disponível em: <[www.revistaopera.com.br](http://www.revistaopera.com.br)>. Acesso em: 04/10/2022.

CONNOLLY, J. “Connolly: A bandeira irlandês”. **Nova Cultura** [2020]. Disponível em: <[www.novacultura.info](http://www.novacultura.info)>. Acesso em: 21/07/2022.

EURONEWS. “Irlanda celebra a Revolta da Páscoa de 1916”. **Euronews** [26/03/2016]. Disponível em: <[www.euronews.com](http://www.euronews.com)>. Acesso em: 28/09/2022.

FARRELL, J. “100 anos de divisão da Irlanda”. **Vermelho** [2021]. Disponível em: <[www.vermelho.org.br](http://www.vermelho.org.br)>. Acesso em: 20/01/2022.

IRISH CENTRAL. “The 1916 Easter Rising”. **Irish Central** [15/04/2022]. Disponível em: <[www.irishcentral.com](http://www.irishcentral.com)>. Acesso em: 10/09/2022.

LÊNIN, V. “A Rebelião Irlandesa de 1916”. **Marxists** [1916]. Disponível em: <[www.marxists.org](http://www.marxists.org)>. Acesso em: 01/10/2022.

MARX, K. “A questão irlandesa e a Internacional”. **Marxists** [s. d.]. Disponível em: <[www.marxists.org](http://www.marxists.org)>. Acesso em: 01/10/2022.

OLIVEIRA, W. F. “Roger Casement, um rebelde irlandês”. **Revista Recôncavos**, vol. 1, n. 3, 2009.

SOCIALIST RESISTANCE. “The Easter Rising Comrades of ours”. **Socialist Resistance** [s. d.]. Disponível em: <[www.socialistresistance.org](http://www.socialistresistance.org)>. Acesso em: 20/08/2022.

SPARTACUS EDUCATIONAL. “James Larkin”. **Spartacus Educational** [s. d.]. Disponível em: <[www.spartacus-educational.com](http://www.spartacus-educational.com)>. Acesso em: 25/06/2022.

WORKERS REPUBLIC. “Para que não nos esqueçamos: Jim Larkin, líder trabalhista irlandês”. **Workers Republic** [1947]. Disponível em: <[www.workersrepublic.org](http://www.workersrepublic.org)>. Acesso em: 08/05/2016.





## BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 12 | Nº 36 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

### Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

### Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

### Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima